

O Relógio da Matriz de São Francisco de Assis: Histórias Cotidianas de Palma – Minas Gerais

The Clock of the Matrix of São Francisco de Assis: The Daily Stories of Palma – Minas Gerais

Ana Isabel Ferreira de Magalhães¹

Cristiana Callai²

Resumo

Neste artigo entrelaçamos histórias, memórias e narrativas. Encontramos no alto da Matriz de São Francisco de Assis o seu imponente relógio. Das esquinas, becos e ruas as badaladas são ouvidas e contadas. Cada badalar sinaliza o escorregar das horas e do tempo. A pequena cidade se volta para ouvi-las. Histórias miúdas, as quais não se encontram escritas em livros, talvez, por isso, estejam na contramão dos olhares estreitos, lineares ou até mesmo apressados e cegos ao que nos circunda: o cotidiano. Por fim, concluímos este trabalho afetadas pelas histórias contadas das janelas da cidade de Palma que se debruçam sobre ruas, árvores e morros ao fascínio das sinuosas montanhas de Minas Gerais.

Palavras-chave: Histórias. Memórias. Narrativas.

Abstract

In this article we interweave stories, memories and narratives. We find the imposing clock on the top of the São Francisco de Assis Matrix. From the corners, alleys and streets the bells are heard and told. Each chime signals the slipping of hours and time. The small town turns to hear them. Small stories, which are not written in books, may, therefore, be against the narrow, linear or even hasty and blind eyes to our surroundings: daily life. Finally, we conclude this work affected by the stories told from the windows of the city of Palma that look over streets, trees and hills to the fascination of the winding mountains of Minas Gerais.

Keywords: Stories. Memoirs. Narratives.

¹ Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino - UFF. Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro - SEEDUC – RJ. ORCID: 0000-0001-8463-4649

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Ensino – UFF. ORCID: 0000-0001-8721-9184

1 Introdução

No texto *O relógio da Matriz de São Francisco de Assis* a narradora recria e reinventa a história do relógio da matriz de sua cidade marcada por uma escrita literária repleta de figuras de linguagem, carregada de sentidos socioculturais da cidade mineira de Palma. As lembranças despertadas ao som das badaladas do relógio da matriz, nos levam a um cotidiano longínquo.

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado. (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 254)

Narrativa que se relaciona ao amplo tema da vida cotidiana de um lugar, que reverbera nas memórias afetivas as quais expressam sentimentos humanos universais, o vínculo familiar, os costumes de uma cidade mineira do interior, os afetos despertados nas relações com o outro, de forma, que a realidade recriada e representada em sua escrita literária aciona sentimentos no leitor possibilitando seu acesso ao mundo inacessível à experiência concreta, mas revividos no processo de leitura.

As badaladas entrelaçam passado e presente, estremecem o moderno e o contemporâneo, apalpam delicadamente o tempo vivido, esse, já cristalizado em algum quarto do pretérito. Histórias são despertadas, histórias de vida que desloca, provoca movimentos inesperados em nossos pensamentos e emoções. Sacode. Bagunça o tempo. Passado? Presente? Futuro? Tudo em um só instante, misturados dentro de cada um. Histórias miúdas, as quais não se encontram escritas em livros, talvez, por isso, estejam na contramão dos olhares estreitos, lineares ou até mesmo apressados e cegos ao que nos circunda: o cotidiano.

Entre becos e ladeiras, permeado pelo cheiro suculento de comida mineira, eis o cotidiano, “território complexo”, o qual a todo instante nos desafia a exercitar outras maneiras de enxergar a realidade, nesse movimento, laça, captura, se entrelaça nas conversas e é tecido junto com as histórias contadas e vividas na cidade mineira de Palma (PÉREZ, 2003a). Momentos se tornam histórias para serem contadas e lembradas em encontros familiares, ou, simplesmente, na esquina, narrar para que possam ser recriadas, pois “narrar a vida é reinventá-la”

(PÉREZ, 2003a, p.112). No movimento de transformar lembranças em palavras, estas se tornam além do tempo, trazem lume, para muitas outras lembranças, encontros acontecem, sentidos se misturam, interações cotidianas são costuradas nesse espaço de multiplicidade, e como consequência, somos desafiados a refletir sobre os efeitos que essa realidade produz em nós.

Histórias contadas de mãe para filha que se unem às lembranças de épocas passadas movidas pelo girar dos ponteiros do relógio da Matriz de São Francisco de Assis, texto escrito apoiado nas memórias trazidas à tona a partir da “experiência” vivida pela autora, esta por sua vez, moradora da cidade de Palma. Portanto, a narração a ser apresentada não se trata de um recorte extraído de um *corpus* de pesquisa mais vasta, mas se insere alicerçada na relevância atribuída pela autora, às memórias às quais a mesma se entrega e as tecem a partir da “experiência” (LARROSA, 2016). Experiência segundo Larrosa (2016) não tem a ver com a ação, pode até ter acontecido na ação, mas a experiência não se faz, a gente a sofre, ela se faz em nós. É inegável a experiência como mover das memórias da autora, seu texto é fruto daquilo que a “toca” e pelo o que lhe “acontece” borbulha e salta para sua narrativa em forma de palavras (LARROSA, 2016).

Assim como a Moça Tecelã personagem do conto de Marina Colasanti (2004), a autora tece seu texto com ousadia e traduz suas lembranças em palavras, suas memórias transbordam e viram história, não só sua, mas de um povo. O cotidiano da cidade pequena se mistura com um universo de histórias individuais que se multiplicam, se estreitam e se encontram onde fazem sua morada: na memória de uma gente, na memória de uma cidade. Para Certeau (2007) a memória não é a reprodução de algo, mas sua alteração.

A memória prática é regulada pelo jogo múltiplo da *alteração*, não só por se constituir apenas pelo fato de ser marcada pelos encontros externos e colecionar esses brasões sucessivos e tatuagens do outro, mas também porque essas escrituras invisíveis só são claramente “lembradas” por novas circunstâncias (CERTEAU, 2007, p.163).

A partir da memória podemos compor outra história, alterá-la. Buscar os detalhes em diferentes épocas e ocasiões. No cotidiano, há uma variedade de histórias. Muitos são os retalhos que para aquele momento não cabe para determinada costura, há de se escolher o tecido, a cor, os fios. Para tanto, não se

pode olhar apenas para fora, enxergar por um olhar unilateral, mas deslocar-se para dentro.

Através deste artigo, de natureza ensaística, objetivamos romper qualquer prévia linearidade, para isso vamos tecê-lo a partir das vozes das histórias cotidianas, vozes carregadas de oralidade popular. Voz individual que ao encontrar várias vozes ao ser publicado nas redes sociais, se entrelaçam e juntas buscam outra voz: a do coletivo de uma pequena cidade que alimentadas por lembranças e memórias do cotidiano vivido nos conduzem a uma dimensão a qual permite refletir: o que seria a vida cotidiana?

Agnes Heller nos ensina que “A vida cotidiana é a de todo homem” (2016, p.35), essa é a vida de todos nós, sem exceção, independente do posto que ocupamos na divisão do trabalho intelectual e físico. Essa vida que é igual a todos, embora obedeça a uma hierarquia uma vez que “se modifica de modo específico em função das diferentes estruturas econômico-sociais” (HELLER, 2016, p.36). Tanto o “rei” ou o “plebeu” vivem essa mesma vida, embora vivam de forma social e econômica tão diferenciada, ambos são laçados pela cotidianidade o homem já nasce inserido em sua cotidianidade. Essa vida cotidiana que é a vida de todo indivíduo, como por exemplo, segurar um talher, caminhar, trabalhar.

O cotidiano é um espaço habitado por possibilidades que buscam desvelar e criar alternativas para uma prática impregnada de sentidos e significados, saibamos enxergá-lo por dentro. Certeau (2007) nos diz que o espaço é um lugar praticado, nesse movimento, o cotidiano se torna um espaço na medida em que a conversa se desenrola e os encontros acontecem. Cotidiano espaço “semeado de atos criativos” onde as pessoas aprendem uma com a outra e vivem intensamente “um cotidiano que se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 2007, p. 38). Esse cotidiano móvel, assim como as paisagens, precisamos olhá-lo sem limitá-lo.

Nesse movimento, vamos tecendo nossas histórias de vida, acrescentando fios e cores através das relações e dos encontros realizados nesse dinâmico e surpreendente cotidiano que não podemos medir e nem prever, no qual também não podemos delimitar nossa percepção. Agnes Heller (2016) nos ensina que “Que as grandes ações não cotidianas contadas nos livros de histórias partem da vida cotidiana e a ela retornam” (p.38). A história se inicia no cotidiano, bem dentro dele,

assim como a história do Relógio da Matriz de São Francisco de Assis, a qual será a apresentada neste trabalho. As idas e vindas, o caminhar das horas, as conversas, a vida cadenciada de uma cidade mineira, das comadres e dos compadres, a brincadeira na praça e o badalar das horas ditadas lá do alto da matriz. História que vibra, que faz arder o coração a partir da “experiência” que pulsa dentro daquele que a viveu (LARROSA, 2016).

Atraídas pelo soar das badaladas do relógio da matriz de São Francisco de Assis, este trabalho emerge com o propósito de pensar na multiplicidade de sentidos que habita o cotidiano de uma cidade mineira do interior, que ao ser registrado em um texto de memórias individuais, a partir do que lhe “acontece”, se torna a história de uma cidade e de uma gente (LARROSA, 2016). Vamos pensar na relação dos moradores com sua cidade, entrelaçada, sobretudo, à noção de pertencimento afetivo despertado através da leitura do texto ao ser publicado nas redes sociais.

O artigo está dividido em quatro partes, sendo que na primeira apresentamos o texto: *O relógio da Matriz de São Francisco de Assis*, a seguir estabelecemos uma conversação a respeito da experiência que será desfiada a partir de dois vieses: segundo Larrosa (2016) e Benjamim (1987), uma vez que ambos concebem a experiência de forma distinta. Em seguida, traçaremos uma relação dialógica com a linguagem a partir de Freire (2015, 2003) e Bakhtin (1992). Por fim, concluímos este trabalho afetadas pelas histórias contadas das janelas da cidade de Palma que se debruçam sobre ruas, árvores e morros ao fascínio das linhas sinuosas das montanhas de Minas Gerais.

2 O Relógio da Matriz de São Francisco de Assis

Esta história que aqui vou contar não está escrita em livros, nem em jornais ou revistas. Ela repousa debaixo dos calçamentos das ruas ou pousada nas árvores impregnadas do ar desta pequenina cidade. Acredito também que esteja adormecida nos labirintos das memórias das pessoas que vivem ou viveram aqui, em Palma, pequenina cidade da Zona da Mata de nossa Minas Gerais. Bastaria apenas um leve toque para serem despertadas. Histórias da vida cotidiana com suas nódoas, imperfeições e ensinamentos que cobrem vazios e produzem ecos. Histórias que seu tempo e suas horas foram sendo marcados pelas badaladas do relógio da

Matriz de São Francisco de Assis. Uma hora... Uma badalada... Duas horas... Duas badaladas... Três horas... Três badaladas...

Marcando o tempo e a nossa vida, esse imponente relógio convive com o povo palmense desde que José Arão Corrêa, incomodado por nossa Matriz não possuir um relógio, sentiu o desejo de presenteá-la. Foi durante uma conversa com sua mãe e com dona Margarida Xavier que revelou: “Toda cidade que eu vou em sua igreja tem um relógio. Só, aqui, em Palma, que não. Vou comprar um bem grande para nossa matriz”. Dona Margarida Xavier foi testemunha do desejo e da promessa de nosso doador e assim contara, há muitos anos, ao meu querido tio Tóim, o Bolão, e este por sua vez me revelara, dia desses em sua venda.

Dito e feito! O relógio chegou aqui em Palma no ano de 1919, ocupando um vagão inteiro do trem. Além dele, vieram também seus montadores... Afinal deveria ser instalado com esmero. A pequenina cidade ficou em polvorosa! Padre João Reis Veloso foi quem recepcionou o precioso presente e perguntou para seu doador qual a retribuição que gostaria de receber do povo de Palma. José Arão Corrêa respondeu que gostaria de ser lembrado por uma oração – a Ave-Maria – a cada badalar do relógio. Desejo singelo de um homem simples. Como sei disso? Minha avó, a vovó Tita, irmã de seu José Arão Corrêa, contara a minha mãe e esta, por sua vez, assim também o fizera. São essas histórias de família as quais habitam nosso coração e vão passando de mãe para filha.

Por meio de seu BLEIM, BLEIM, BLEIM misturado ao canto dos galos, ao som do varrido da rua, ao cheirinho de café fresquinho e ao grito alto do padeiro, acordava-nos junto às manhãs para a labuta da vida. PADEIIIIRO!!! PADEIIIIRO!!! Badaladas marcavam as idas e vindas do trem que por aqui passava todo santo dia. Badaladas alertavam-nos da hora de ir para a escola... Bença, mãe! Bença, pai! Badaladas comunicavam a hora de abrir a padaria, a venda, o escritório, a loja... Badaladas avisavam que era hora da carroça passar na porta de casa com o leite fresco da roça.

Alerta! Hora do ônibus. Teremos visita! As badaladas desse grande relógio avisavam o momento de servir a mesa. No Santuário, durante os meses de maio e outubro, meses dedicados à Mãe do Céu, bastava o relógio badalar quatro vezes para elevarmos nosso olhar à Nossa Senhora de Fátima e iniciar o terço... Em nome

do Pai... Ao entardecer, parecia que as badaladas cochichavam nos ouvidos das mães o momento de a brincadeira acabar: o pique, a roda, a queimada, a peteca... Era hora de entrar para casa. As badaladas sempre anunciavam: *É hora! Está na hora!*

Ouvidos atentos às badaladas! Para que o relógio se mantivesse preciso, nosso saudoso e querido José Rodrigues, o Zé do Padre, é quem alimentava suas engrenagens. A cada sete dias, ele subia as estreitas escadarias que o levavam até o alto da torre da Matriz e de lá, avistando a cidade e sob os reflexos coloridos dos vitrais da imagem de São Francisco de Assis, ele garantia o permanente caminhar dos ponteiros do relógio. Como? Girava sua pesada e grande manivela dando-lhe corda. Zé do Padre também observava atento se os ponteiros adiantavam ou atrasavam: era sua responsabilidade regulá-los. Nesse momento, atenção redobrada, afinal os palmenses acertavam seus relógios de acordo com as horas ditadas lá de cima da matriz.

Seis horas da tarde. Hora de rezar a Oração do Ângelus que ecoava do alto-falante da Matriz unida às seis badaladas. Os que não a rezavam, faziam o sinal da cruz ou apenas ouviam-na, em silêncio. Momento sagrado... Presente e passado se fundiam... Sentimentos e sensações se misturavam à oração cantada, vinda da igreja, com o anoitecer desenhando as primeiras estrelas no céu amarelado e rosado de Palma: cheirinho da janta, sinal do colégio, hora do terço em família, hora de voltar para casa, hora da novela, hora do futebol no campo, lembrança de alguém, de uma época, de um abraço, de uma despedida, de um beijo ou apenas lembranças, lembranças e saudades, muitas saudades...

Hora da missa! As badaladas ganhavam um realce. Os sinos repicavam uma hora antes do início da missa e anunciavam onde seria celebrada. Sino da Matriz – missa na Matriz. Sino do Santuário – Missa no Santuário. Sino da Capela de Santo Antônio – Missa na Capela. Badaladas do relógio e repiques do sino ressoavam convidando: *Vamos rezar! Vamos rezar!*

Na Quinta-Feira Santa, após cantar o hino do Glória, na missa do Lava-Pés, o relógio não mais badalava, as horas eram marcadas, silenciosamente, em respeito à morte de Jesus Cristo. Recolhimento. Luto. Assim como o relógio, a cidade permanecia silenciosa. No Sábado da Aleluia, na Missa da Ressurreição, após ser

entoado o canto do Glória, as badaladas ressurgiam realçadas pelos repiques dos sinos anunciando a Páscoa. Jesus vive! Aleluia!

O relógio silenciou-se por algum tempo. Aquele badalar das horas nos fez falta... Finalmente, voltamos a ouvi-lo. Estávamos com saudades!!! Talvez porque algo pulsa bem dentro de nós a cada BLEIM, BLEIM, BLEIM. Como outrora, hora a hora, a quietude do escuro das madrugadas volta a ser rompido. BLEIM. BLEIM. BLEIM. Histórias vêm nos visitar e permitimos que a memória brinque conosco. Lembranças que estavam apenas adormecidas junto ao silêncio que ecoava da Matriz.

Novo tempo! O relógio imponente vive! Para avistá-lo, basta apenas olhar para o alto da Matriz de São Francisco de Assis, porque é lá de cima, bem acima de nossos olhos, que ele vela sobre nós. Suas badaladas são ouvidas pelas ruas, morros, becos desta pequenina cidade e entram em nossas casas sem cerimônia... Afinal, são nossas velhas conhecidas! Ao findar do dia, mais uma vez, unidas às seis badaladas a oração do Ângelus. Passado e presente se encontram anunciando um futuro de histórias.

Anos vão se escorregando no movimento de seus enormes ponteiros. O tempo e os dias deslizam em seu badalar. Cem anos se passaram! Um século de horas. Histórias vividas e marcadas. O relógio da Matriz de São Francisco de Assis aniversaria. Vamos celebrar! Ave-Maria, cheia de graça...

3 Conversas que Viram Histórias

Idas e vindas, o deslizar do tempo, as lembranças de uma época... Mãe e filha conversam. Desfiam o cotidiano. História que foi descoberta através de conversas, essas conversas sobre a vida cotidiana de nossos antepassados e suas curiosidades. Conversas amenas que refrescam a vida.

Conversar, sim, porém, não apenas de um e/ou do outro e/ou de nós. Conversar, talvez, sobre o que fazemos, sobre o que nos passa naquilo que fazemos, sobre essas “terceiras outras coisas” das quais se constitui e configura o ato de educar, tanto como qualquer outro ato relacional. Conversar (SKLIAR, 2011, p.29).

Conversar para que as pessoas possam falar de si. Conversar nos convida a observar as pequenezas do cotidiano e da vida. Conversar para que possamos

conhecer o outro. Pérez vem nos lembrar de que para se conhecer o “outro” é necessário que se faça “leituras de mundo e leituras do espaço, fundadas numa epistemologia da existência, não numa linguagem cartesianamente matematizada, e sim na expressão da espontaneidade que se realiza todos os dias” (2001, p.101). No texto *O relógio da Matriz de São Francisco de Assis* a conversa permeia a linguagem do cotidiano, desenha os detalhes sinalizando a vida da pequena cidade de Palma, nesse movimento, traça o caminho da expressão espontânea traduzida em suas palavras.

Necessitamos de uma linguagem para a conversa. Não para o debate ou para a discussão, ou para o diálogo, mas para a conversa. Não para participar legitimamente nessas enormes redes de comunicação e intercâmbio cuja linguagem não pode ser a nossa, mas para ver até que ponto ainda somos capazes de falarmos, de compartilhar o que pensamos ou o que nos faz pensar, de elaborar com outros o sentido ou o sem sentido do que nos acontece, de tratar de dizer o que ainda não sabemos dizer e de tratar de escutar o que ainda não compreendemos. Necessitamos de uma língua para a conversa como um modo de resistir ao alheamento da linguagem produzido por essa língua neutra na qual se articulam os discursos científico-técnicos, por essa língua moralizante na qual se articulam os discursos críticos, e, sobretudo, por essa língua sem ninguém dentro e sem nada dentro que pretende não ser outra coisa além de um instrumento de comunicação (LARROSA, 2016, p.71).

Ao desfiar os fios de uma conversa, o outro vai se revelando e vamos enxergando a beleza da vida, vamos nos encontrando, seja nos olhares nos gestos ou nas palavras que abrigamos dentro de nós, afinal “somos tecidos por palavras” (LARROSA, 2016). Conversa entre mãe e filha que desponta outros fios, conversa entre sobrinha e tio que atrai ainda mais conhecidos, esses de longa data. Descobertas. Lembranças. Quando conversamos com o outro o que vivemos vai ganhando significado, as relações vão sendo constituídas, laços vão sendo formados no aprendizado mútuo. Cada um com um fio nas mãos lançando ao outro. Cada um com sua maneira de fazer, criar e inventar. Não é algo planejado sistematicamente, as cores são escolhidas pelo cotidiano e repassadas em forma de histórias.

O processo de tessitura das lembranças é tramado pela utilização da sensibilidade da memória, através da linguagem e dos sentidos, que cada sujeito atribui aos fatos e acontecimentos vividos em sua trajetória pessoal-social, o que torna a experiência comunicável (PÉREZ, 2003a, p.103).

Histórias de pessoas que habitam o cotidiano de uma cidade mineira. História que um dia foi contada à sua mãe por sua avó e que chegou até você contada por

sua mãe, história que continua sendo contada as quais não nos falam de fatos categoricamente registrados documentados, mas impregnadas de sentidos. Conversas que viram histórias, histórias que vão sendo narradas de geração em geração as quais se transformam em um espaço de narrar o vivido, rememorar o passado, transmitir uma “experiência” (BENJAMIN, 1994). Para Benjamin (1994) a experiência se constitui de tudo aquilo que podemos narrar aos outros, um ensinamento, um conselho, para este filósofo narrar é compartilhar a experiência, é reinventá-la no plano individual, mediante a escuta do outro.

Não é justamente o que acontece com o leitor ao ler o texto *O relógio da Matriz de São Francisco de Assis*? Através do badalar do relógio o leitor se apossa das imagens que lhe vêm na lembrança capazes de conduzi-lo por essa tecelã de lembranças?

Walter Benjamin (1996) em seu ensaio *Experiência e pobreza*, escrito em 1933, aborda como o encolhimento da transmissão de experiências através de provérbios, histórias e narrativas estava se perdendo devido ao trauma europeu ocasionado pela Primeira Guerra Mundial uma vez que os combatentes voltavam silenciosos do campo de batalha e mais “pobres de experiências comunicáveis” (p.115). Devido ao trauma causado pela guerra cessou a narrativa de histórias que eram construídas coletivamente. O horror da guerra calou o homem empobrecendo a experiência. O homem já não transmitia suas histórias.

Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis. [...] Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes (BENJAMIN, 1996, p. 115).

Os livros que haviam sido editados após a guerra não continham as experiências que eram passadas oralmente no período que a antecedeu. Essa pobreza da experiência também fora ocasionada pelo advento da sociedade moderna gerada pelo capitalismo, o qual impede sua permanência, uma vez que os valores tradicionais da comunidade foram substituídos pelas relações de comércio, pela troca de mercadoria, nesse movimento, não havia mais espaço para os mais velhos contarem suas histórias, seus ensinamentos aos mais jovens.

Benjamin inicia seu texto, *Experiência e pobreza*, narrando uma fábula de Esopo, a qual conta a história de um pai que se encontra no leito de sua morte e diz para seus três filhos que naquela terra havia um grande tesouro. O pai faleceu e seus filhos se puseram a cavar aquela terra à procura do tesouro, da riqueza. Com o passar do tempo veio o outono, a força que usaram para remover aqueles vinhedos resultou em sementes que brotaram trazendo colheitas frutíferas, e com as mesmas a riqueza para aqueles irmãos. Quando os filhos viram que a prosperidade lhes chegou através do trabalho desempenhado no campo, perceberam que o pai lhes havia transmitido uma valiosa experiência: a felicidade não está na riqueza, mas sim no trabalho.

Essas histórias, carregadas de sentido exemplar, expressavam a verdade e era transmitida de geração em geração. Esses conselhos nos eram comunicados com a autoridade da velhice a fim de orientar em nossas vidas, a fim de planejarmos nossos pensamentos. Seja em um provérbio ou em uma história, ali se conserva uma tradição e uma experiência de muitos e muitos séculos. Para que essas mensagens continuassem sendo compreendidas e conhecidas em cada época e em cada presente, tornando-se dessa forma infinita, era preciso que as mesmas fossem contadas de pai para filho, transmitidas pelas gerações, tornando-se permanente. Quando essa permanência acontece em uma coletividade, constitui, segundo Benjamin, a experiência.

Mais tarde, em seu ensaio *O Narrador*, escrito em 1936, Benjamin enfatiza que a arte de narrar está intimamente ligada às experiências vividas de quem narra, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”, seja contada em um provérbio ou em uma história, as melhores são as que se assemelham às histórias orais (p.198). O filósofo enfatiza que com “as ações da experiência em baixa” não havia o que narrar, uma vez que uma está intrínseca à outra. Os combatentes da guerra voltavam pobres de experiência comunicável, o horror os calou, eles não comunicavam a experiência da guerra. Emudeceram. E é no diálogo, na transmissão de um ensinamento que o poder de narrar acontece, o poder utilitário que a narrativa retém “tecido na substância viva da existência”, ou seja, entremeado à experiência, recebe o nome de “sabedoria”.

Para Benjamin “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” e também “incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (p. 201). A voz do que conta precisa estar intimamente ligada ao vivido, ao sentido, precisa dialogar com a experiência, esse autor diz ainda que o narrador “vem de longe” ou é aquela pessoa que conservou suas características de narrador a exemplo o camponês sedentário e os marujos, voz que conta histórias de séculos. Essas narrativas muito se diferenciam do mundo contemporâneo marcado pela pressa angustiante e frenética, vivemos um tempo abreviado, com sede de informações. Benjamin já assistia preocupado a esse contexto do esvaziamento de experiência.

O texto *O relógio da Matriz de São Francisco de Assis* nos permite dialogar com Walter Benjamin (1994) uma vez que traça o cotidiano da cidade de Palma descrito e narrado entre as badaladas do relógio da matriz e nos faz enxergar um tempo de viver o cotidiano sem a pressa ao nosso lado. O texto nos captura e nos transporta a um tempo de narrar, tempo para apreciar uma boa conversa, refletir e, principalmente se deliciar com nossas descobertas. A autora tece uma rede de significados na qual traduz formas visíveis e invisíveis de se enxergar este tempo, nos despertamos e nos lembramos de que sem esse tempo, o homem se empobrece, fica destituído de memória e vazio de sentidos.

Benjamin (1994) descreve esse tempo em que o cotidiano era composto socialmente, através do ato de narrar e da oralidade. Essa transmissão oral da cultura demandava esse tempo lento e amplo, o tempo do ócio da experiência. É esse tempo que autora desenha através de suas palavras: o tempo de contar e ouvir histórias de si e do outro, de trocar ideias o tempo da conversa, o tempo do encontro consigo mesma.

4 As Badaladas do Relógio Ressoam em Palavras

O texto *O relógio da Matriz de São Francisco de Assis* foi publicado nas redes sociais mais especificamente no *facebook*, em um grupo criado para os palmenses,

ou seja, para as pessoas que moram ou já moraram em Palma. A publicação gerou inúmeros comentários, “curtidas” e compartilhamentos. O texto foi a porta de entrada para muitas recordações que se desfiou em diálogos, cada pessoa em seu lugar, em cidades diferentes, uns muito longe de Palma, outros mais próximos, todos capturados pelas badaladas do relógio, agora em forma de diálogo. No dialogismo da linguagem, na interação tecida entre um comentário e outro, as palavras se entrelaçam e produzem sentido.

Palavras potentes que nos captura, nos move para dentro de nós mesmos. Palavras que ensinam, transbordam, assim como aprendemos com Bartolomeu Campos Queirós (1995) em suas memórias sobre seu avô. No texto “Por parte de pai”, Bartolomeu nos conta o que seu avô o confidenciou com lágrimas nos olhos.

O tempo tem uma boca imensa. Com sua boca do tamanho da eternidade ele vai devorando tudo, sem piedade. O tempo não tem pena. Mastiga rios, árvores, crepúsculos. Tritura os dias, as noites, o sol, a lua, e as estrelas. Ele é o dono de tudo. Pacientemente ele engole todas as coisas, degustando nuvens, chuvas, terras lavouras. Ele consome as histórias e saboreia os amores. Nada fica para depois do tempo. As madrugadas, os sonhos, as decisões, duram pouco na boca do tempo. Sua garganta traga as estações, os milênios, o ocidente, o oriente, tudo sem retorno. E nós meu neto, marchamos em direção a boca do tempo (QUEIRÓS, 1995, p.71).

Palavras que foram libertas dos porões, pois estavam trancadas, abafadas, ao saírem criaram asas e agora nos toca, ilumina. Essas palavras anunciam o poder do tempo, esse senhor poderoso. O tempo passa, nos arrasta, porém as palavras, essas sim, possuem o poder de imobilizá-lo. Ao transformarmos nossas lembranças em palavras, as tornamos além do tempo, as atualizamos, ao mesmo tempo, trazemos lume, para muitas outras lembranças. Uma vez escritas, não podem ser apagadas, a boca do tempo, não poderá mastigá-las.

O *facebook* foi o canal para que as palavras fossem lançadas de si para o outro instaurando e inaugurando mundos, contando as histórias sobre as pessoas da cidade de Palma. Nesse balancê de lembranças traduzidas em histórias, as palavras não apenas nomeiam coisas ou objetos, mas trazem resíduos de experiências, memorações que foram ressignificadas, recolhe aqueles retalhos de vida que ficaram esquecidos no chão da memória, torna-os novos para que seja alinhavado no presente.

Muitas histórias de nossa terra adorada. Histórias que tocam profundamente nosso coração e nos trazem lembranças maravilhosas. Cidade onde nasci e parti tão cedo.

Aí meu Deus. ...não contive as lágrimas. ...a cada palavra, uma volta a um passado hoje distante, cheio de saudades e boas lembranças...

Narrativa carregada de emoção e ternura. Quem viveu tudo isso, jamais esquecerá. Parabéns a autora pelo texto e pelas lembranças que ele nos traz.

Comentários colhidos no facebook. Arquivo pessoal (2019)

A partir desse diálogo nascido em decorrência da publicação do texto nas redes sociais somos provocadas a nos questionar a respeito de palavras meramente informativas, rígidas e lineares, essas não cabem em tal tecido, não trazem cores, são sisudas, aprisionariam os sentimentos... Linhas eriçaram... As palavras que carregam em si informações exigem “prontidão e consumidores”, porém as palavras leves, aquelas que voam, querem brincar e bailar com a imaginação tenta “fazer com que seus leitores respirem de outra maneira” (SKLIAR, 2014, p. 22). Respirar para sentir. Sentir o que pulsa. O que move. Através da linguagem e dos sentidos que cada pessoa atribui às lembranças vividas, o processo da composição dessas recordações vai sendo costurado pela sensibilidade da memória. As pessoas vão se lembrando do vivido, evocam a memória e vão materializando através de seu discurso. As palavras se conectam encharcadas uma das palavras do outro, a partir da palavra do “eu” que é lançada para “tu” e nesse encontro, o individual se torna coletivo. Vira tecido.

Bakhtin (1992) nos diz que os sujeitos crescem um com o outro a partir do diálogo. Quando o “eu” enuncia a palavra já está encharcada da palavra do “outro”. Segundo Bakhtin “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor” (1992, p.113). Não é só o “eu” que enuncia sozinho, quando o “eu” se enuncia ele já está marcado pelo “tu”, que é muito mais que uma relação pessoal, é uma relação de discurso, composto por valores e leituras de mundo. Nesse movimento, a linguagem não se reduz puramente à língua, é também algo que está ligado ao seu ambiente, ao seu mundo e ao mundo do outro.

Freire (2015) enfatiza que dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, todos nós temos esse direito e justamente por isso não podemos dizer a palavra como se fosse algo prescrito ou linear. As palavras precisam pegar delírio para que o encontro aconteça. Envergá-las se preciso for. Arrastá-las. Ao dizer suas palavras, as pessoas pronunciam seus mundos e os transformam, trazem significado para sua realidade, tecem o diálogo para lembrar e reviver uma época.

O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. [...]. Se é dizendo a palavra com que, *pronunciando* o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (FREIRE, 2015,p.109).

Freire (2015) esclarece que é no diálogo que as pessoas se encontram, mas não para dizerem palavras *para* outros, em um ato que um rouba a palavra dos demais. Não. O diálogo também não é imposição, pois assim se reduziria a um ato de depositar ideias e verdades de um sujeito em outro e nem é troca de ideias para serem consumidas e devoradas sem reflexão. O diálogo é o encontro no qual as pessoas se pronunciam mediatizados pelo mundo, tecem significado, por isso é uma “exigência existencial”. No diálogo, se encontram pessoas que ao pronunciarem o mundo descobrem também o mundo do outro, por isso, o “diálogo é um ato de criação” (FREIRE, 2015, p. 110). No diálogo, mesmo que de forma virtual, as pessoas trazem significados de pertencimento e de identidade.

Como nos auxiliava aquelas badaladas... quando não tínhamos um relógio no pulso. A saída para a escola, por exemplo...o momento de oração. Ave Maria... Como esquecer.

Comentário colhido no facebook.

Arquivo pessoal (2019)

As recordações foram sendo tecidas: a história do padeiro, o hino da cidade, fatos corriqueiros de um lugar, a saudade de um tempo e de uma época, as palavras se agitaram ao ressoar das badaladas em forma de diálogo, suporte no qual se tece uma relação horizontal e produz encanto. Cada um diz sua palavra, dialoga com o outro, pronuncia seu mundo, se compreende como sujeito histórico, que faz a

história e que através da linguagem dialógica, se reconhece também no outro, pois na “teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração” (FREIRE, 2015, p.227). Tecendo junto. Entrelaçados. O diálogo tecido nessa perspectiva tem o poder de nos levar ao encontro do outro. Descobri-lo. Crescer junto, pronunciando as *nossas* palavras. Não é assim que estabelecemos nossas relações?

Através do diálogo o grupo se integra, o outro passa a fazer parte do mesmo momento a partir de seu olhar e de sua interpretação, suas singularidades. Um diálogo coletivo no qual a voz do outro é ouvida gera encontros dentro de um grupo, encontro conosco também, através do olhar e da memória do outro, nessa dinâmica, também nos conhecemos, encontramos a nossa voz na palavra do outro, “O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro” (FREIRE, 2003, p.118).

5 Considerações Finais

O grande patrimônio que temos é a memória. A memória guarda o que vivemos e o que sonhamos. E a literatura é esse espaço onde o que sonhamos encontra o diálogo. Com a literatura, esse mundo sonhado consegue falar. O texto literário é um texto que também dá voz ao leitor. Quando escrevo, por exemplo: “A casa é bonita”, coloco um ponto final. Quando você lê para uma criança “A casa é bonita”, para ela pode significar a que tem pai e mãe. Para outra criança, “casa bonita” é a que tem comida. Para outra, a que tem colchão. Eu não sei o que é casa bonita, quem sabe é o leitor. A importância para mim da literatura é também acreditar que o cidadão possui a palavra. O texto literário dá a palavra ao leitor. O texto literário convida o leitor a se dizer diante dele. [...] (Bartolomeu de Souza Queirós³)

A autora do texto *As badaladas do relógio da Matriz de São Francisco de Assis* conseguiu abordar temas da vida cotidiana por meio de uma escrita sutil e delicada, utilizando uma linguagem carregada de sentimento e de linguagem poética. Suas palavras encharcadas de poesias convida o leitor a experimentar o

³ Entrevista concedida em 2011 ao jornalista Rogério Pereira no Teatro Paiol, na cidade de Curitiba (PR), por ocasião do Paiol Literário – promovido pelo jornal literário “Rascunho”, da Gazeta do Povo, em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba, o Serviço Social da Indústria (Sesi) Paraná e a Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep). <http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-entrevista/373/bartolomeu-campos-de-queiros-a-literatura-e-esse-espaco-onde-o-que-sonhamos-encontra-o-dialogo.html>

mundo subjetivo de suas lembranças, ao mesmo tempo, não se referem somente à sua memória meramente particular, uma vez que representa recordações de outras muitas pessoas, “na narrativa o cotidiano de vida de uma pessoa torna-se significativo ao incorporar aspectos particulares e individuais ao todo social” (PÉREZ, 2003b, p.129). Eis o encontro.

O diálogo se torna vivo baseado nas palavras às quais traduzem uma noção de pertencimento afetivo, independente do lugar que as pessoas estejam, as palavras são arrastadas pela memória fecunda daquele lugar. As pessoas querem falar de si e do outro, de sua cidade, de suas memórias, o fato de não residirem em Palma não exclui se sentirem parte daquele lugar o que nos revela que a vida cotidiana não hospeda em si uma história sem cores, afinal “o ato de narrar sua história é um ato de conhecimento” (PÉREZ, 2003a, p. 101).

O tempo passa, escorre contado pelo relógio da matriz, nos escapa no girar dos ponteiros da vida cotidiana, nos deslocamos, voamos longe, voamos para longe, ao mesmo tempo, permanecemos no mesmo lugar, tudo se repete no badalar das horas, mas nada continua igual. Somos diferentes. Olhares multicoloridos. Na memória guardamos nossos sonhos, saboreamos o que vivemos, reinventamos a vida e tecemos reflexões sobre o vivido.

A singularidade das badaladas reside em cada morador, ressoa em diferentes ocasiões criando aquilo que se quer contar, as badaladas traduzidas em palavras imprimem um ritmo particular para cada morador, sendo que, quem se põe a tecer suas lembranças é quem se dispõe a contá-las. Do seu jeito. Sem amarras. Sem linearidade. Ao narrá-las é traçado um encontro, uma interlocução seja com quem você conversa ou com seu leitor, por meio desse gesto, suas memórias se tornam outra história. Uma nova história, a partir do olhar sinuoso do outro. Feito as montanhas de nossa Minas Gerais.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BENJAMIM, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIM, Walter. Experiência e Pobreza. *In: Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas v.1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 3. ed., Brasiliense, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. *Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2007.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global Editora, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a história**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Leituras do mundo/leituras do espaço: um diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos. *In: GARCIA, Regina Leite. (Org.). Novos olhares sobre a alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2001.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Cotidiano: história (s), memória e narrativa. *In: GARCIA, Regina Leite (Org.) Método: pesquisa com o cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2003a.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Professoras alfabetizadoras**: histórias plurais, práticas singulares. Rio de Janeiro: DP&A, 2003b.

QUEIRÓS, Bartolomeu. **Por parte de pai**. Belo Horizonte: RHJ Editora, 1995.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SKIAR, Carlos. Conversar e conviver com os desconhecidos. *In*: FONTOURA, Helena Amaral (Org.) **Políticas Públicas, Movimentos Sociais**: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.